

ECONOMIA BRASILEIRA

Incertezas sobre eleições e contas públicas pesam mais que alívio externo, avalia Austin Rating

PUBLICADO 16/06/2026 - 07:30 | ATUALIZADO HÁ 1 DIA

Publicado por Guilherme Naldis

KEY POINTS

- Segundo Alex Agostini, da Austin Rating, a combinação de crescimento econômico, inflação e juros mais altos nas projeções do mercado evidencia os efeitos da expansão fiscal sobre a economia.
- O economista avalia que investidores seguem cautelosos diante das incertezas sobre as eleições presidenciais e da falta de propostas mais claras para a política fiscal a partir de 2027.
- Apesar dos riscos domésticos, o Brasil continua bem posicionado para atrair investimentos em áreas como inteligência artificial, data centers, transição energética e minerais críticos, embora uma nova valorização dos ativos deva ocorrer de forma mais moderada.

A queda do petróleo e as preocupações com o cenário fiscal e político brasileiro explicam por que o Ibovespa encerrou a sessão em baixa, mesmo em um dia de recuperação dos mercados internacionais, segundo **Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating**.

Em entrevista ao **Times Brasil — Licenciado Exclusivo CNBC**, Agostini afirmou que o recuo das ações da Petrobras teve papel relevante no desempenho do índice, já que a estatal representa cerca de 12% da composição do Ibovespa. No entanto, ele destacou que os fatores domésticos foram além da movimentação do setor de energia.

“O ambiente externo parece que começa a ficar um pouco mais positivo com essa suspensão do conflito, mas, tirando isso, começa-se a avaliar os fundamentos da economia, que não são tão positivos assim”, afirmou.

O economista apontou que a revisão para cima das projeções de crescimento, inflação e juros no Boletim Focus reflete os efeitos da expansão fiscal sobre a atividade econômica. Segundo ele, o aumento dos gastos públicos ajuda a sustentar o crescimento, mas também alimenta pressões inflacionárias e mantém dúvidas sobre a trajetória das contas públicas.

Na avaliação de **Agostini**, a cautela dos investidores também está relacionada às incertezas em torno das eleições presidenciais e à ausência de propostas mais detalhadas para a política fiscal a partir de 2027. “Começa a pesar mais o ambiente eleitoral, ou seja, a dúvida de qual será o próximo ciclo econômico do próximo governo”, disse.

Sobre a Petrobras, o economista afirmou que ainda é difícil estimar o impacto de uma eventual queda adicional do petróleo sobre as ações da companhia. Além do comportamento da *commodity*, ele ressaltou que investidores estrangeiros continuam monitorando fatores como as relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos e o cenário político doméstico antes de ampliar posições no mercado brasileiro.

Em relação à política monetária, **Agostini** disse esperar manutenção dos juros nos Estados Unidos e um corte de 0,25 ponto percentual da Selic na próxima reunião do Comitê de Política Monetária. Apesar do alívio proporcionado pela redução das tensões no Oriente Médio, ele avalia que a inflação de serviços continua elevada e deve seguir como uma preocupação para o Banco Central.

“O mercado de trabalho no Brasil segue aquecido e, para ter efeito, a política monetária precisa desacelerar a atividade econômica. Isso ainda não aconteceu”, afirmou.

Questionado sobre o fluxo internacional de recursos, **Agostini** avaliou que o Brasil continua bem posicionado para atrair investimentos ligados à transição energética, inteligência artificial, data centers e minerais críticos. No entanto, ponderou que as incertezas fiscais e eleitorais continuam limitando o potencial de valorização dos ativos brasileiros no curto prazo.

“Se a gente não tivesse esses dois pontos tão preocupantes em relação ao futuro, não há dúvida de que o Brasil seria um expoente entre os emergentes para investimentos”, concluiu.